

GÊNERO NA ARTE: LABORATÓRIOS DE ARTE COMUNITÁRIA PARA EMPODERAMENTO DE MULHERES EM CASAS DE ABRIGO

GENDER IN ART: COMMUNITY ART LABORATORIES FOR EMPOWERING WOMEN IN SHELTER HOUSES

AIDA RECHENA E TERESA VEIGA FURTADO

Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA/UÉ), Portugal; Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (CeIED/ULHT); Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA/FCSH NOVA), Portugal

RESUMO

ABSTRACT

Segundo os dados do Governo de Portugal (2018), a violência doméstica teve mais de 32 mil ocorrências, com uma incidência de 78,4% nas vítimas do sexo feminino. Estes atos abusivos acontecem, maioritariamente, no foro privado, em relações de intimidade e familiares, sendo levados a cabo, sobretudo, por parceiros e ex-parceiros. Têm como pano de fundo um contexto social misógino, a nível estrutural e institucional, promotor da desigualdade e de estereótipos de género, em que a agressão às mulheres constitui um modo de controlo, intimidação, coação e exercício de poder sobre as mesmas. Tendo como vetores de orientação principais as Artes Visuais, a Museologia Social, as Teorias Feministas e os Estudos de Género, desenvolvemos com mulheres de casas de abrigo um projeto para a eliminação da violência de género, através de práticas artísticas comunitárias cuja expressão recorre a uma estética conectiva que é veículo de valores humanistas e igualitários no respeitante ao género. Estas práticas possuem uma natureza colaborativa,

participativa, inclusiva e os seus objetivos e processos são estabelecidos entre todas as agentes envolvidas de um modo não hierarquizado e dialógico, isto é, entre iguais. Num processo que consideramos experimental, utilizamos a arte comunitária como ferramenta para a promoção positiva da igualdade de género, através da capacitação, empoderamento e promoção duma consciência de género libertadora entre as mulheres vítimas de violência doméstica, dando voz e visibilidade às suas histórias de vida. De igual modo, procuramos sensibilizar a sociedade no respeitante ao problema da violência de género dando a conhecê-la através da arte realizada pelas pessoas que a sofreram de forma a mudar comportamentos e atitudes e a superar preconceitos e estereótipos tradicionais de género. O resultado deste projeto terá a forma de peças artísticas que serão amplamente divulgadas em plataformas digitais e museus e serão produzidos ferramentas e modelos para serem utilizados no combate à desigualdade de género.

According to data from the Government of Portugal (2018), domestic violence had more than 32 thousand occurrences, with an incidence of 78.4% in female victims. These abusive acts occur mainly in the private sphere, in intimate and family relationships, and are carried out mainly by partners and former partners. They have as background a misogynistic social context, at the structural and institutional level, promoter of inequality and gender stereotypes, in which the aggression to women constitutes a form of control, intimidation, coercion and, exercise of power over them. Having as main guiding principles the Visual Arts, Social Museology, Feminist Theories and Gender Studies, we developed with women from shelters a project for the elimination of gender violence, through community artistic practices whose expression resorts to a connective aesthetic that is a vehicle for humanist and egalitarian values regarding gender. These practices have a collaborative, participatory, inclusive nature, and their

objectives and processes are established among all the agents involved in a non-hierarchical, dialogical way, i.e., between equals. In a process that we consider experimental, we use community art as a tool for the positive promotion of gender equality, through capacitation, empowerment, and promotion of a liberating gender awareness among women victims of domestic violence, while giving voice and visibility to their life stories. In the same way, we seek to raise society's awareness of the problem of gender-based violence by making it known through the art performed by people who have suffered it in order to change behaviour and attitudes and overcome traditional gender stereotypes and prejudices. The result of this project will take the form of artistic pieces that will be widely disseminated in digital platforms and museums, and tools and models will be produced and used in the fight against gender inequality.

PALAVRAS-CHAVE

KEYWORDS

Arte Comunitária; Museologia Social; Violência de Género.
Community Art; Social Museology; Gender Violence.

ANTECEDENTES TEÓRICOS

Concebemos os “Laboratórios de Arte Comunitária para Empoderamento de Mulheres em Casas de Abrigo” acreditando que a Arte é um espaço propício ao desenvolvimento de ideias de vanguarda, algumas vezes mesmo antes de existirem condições favoráveis à sua disseminação no foro público e que a Arte é para todas e todos. O projeto organiza-se em Laboratórios práticos e experimentais, onde um grupo de mulheres vítimas de violência doméstica e de género, e a residir numa casa de abrigo, são envolvidas e motivadas para um processo de auto empoderamento pela arte comunitária e estética conectiva.

A violência de género e violência doméstica sobre as mulheres é uma realidade instalada em Portugal tendo-se atingido um número de femicídio verdadeiramente chocante nos últimos anos. De acordo com o *Relatório do Observatório das Mulheres Assassinadas (OMA)* da União das Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), de 1 de janeiro a 12 de novembro de 2019, o OMA registou um total de 28 femicídios em relações de intimidade e familiares no nosso país (UMAR, 2019).

Segundo os dados do Governo de Portugal (2018), no Relatório Anual de Segurança Interna de 2018, a violência doméstica teve mais de 32 mil ocorrências, com uma incidência de 78,4% nas vítimas do sexo feminino. Estes atos abusivos acontecem, maioritariamente, no foro privado, em relações de intimidade e familiares, sendo levados a cabo, sobretudo, por parceiros e ex-parceiros e têm como base a desigualdade e estereótipos de género.

Ao nível mundial, de acordo com um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU), só em 2017 foram assassinadas 87.000 mulheres, sendo que, mais de metade delas, 50.000 (58%) foram mortas por parceiros íntimos ou outros membros da família. Isto significa que são mortas diariamente 137 mulheres em todo o mundo, por um membro da sua própria família (2019, p. 10).

Acresce ainda que a violência de género é considerada uma pandemia pela UN Women, a organização da ONU dedicada à igualdade de género e ao empoderamento das mulheres, salientando esta organização que 1 em 3 mulheres experienciam violência ao longo das suas vidas (UN Women, 2019).

A violência de género é um padrão particular de violência que se expande e reatualiza permanentemente à medida que o poder masculino é crescentemente ameaçado. Os homens continuam a dominar na maioria das esferas sociais e são, em geral, muito mais violentos em relação às mulheres do que o oposto, e tal violência é fundamentalmente direcionada para o controlo e continuada subordinação das mulheres. Esta pode ocorrer

em todos os espaços sociais e culturais, sendo construída tanto na esfera das interações quotidianas como nos contextos sociais mais amplos a um nível institucional (Lisboa, 2006).

Para o desenvolvimento deste projeto posicionamo-nos nas Artes Visuais e na Museologia Social, que cruzámos com as Teorias Feministas e Estudos de Género. Numa clara e intencional metodologia com recurso à inter e à transdisciplinaridade, associámos as Teorias Museológicas, concretamente as da Museologia Social, aos Estudos de Género e Feministas e às Artes Visuais. No respeitante a esta última, recorremos em particular à Arte Comunitária (Lacy, 1995) e à Estética Conectiva (Gablik, 1992), que nos fornecem o enquadramento para a investigação e ação prática e para a estratégia de comunicação.

O conceito de Género é fulcral para o nosso projeto, sendo entendido como a construção sociocultural das diversas e possíveis formas de ser pessoa, que por sua vez, toma múltiplas expressões e não se reduz meramente aos caracteres sexuais. As suas diversas manifestações, entre as quais a identidade de género, a expressão de género, a orientação sexual, os papéis de género, as características da personalidade, bem como competências e interesses pessoais são permanentemente construídas ao longo da vida.

As Teorias LGBTQI+ trouxeram para a reflexão a ideia da fluidez de género, ou seja, não somos apenas homens ou mulheres, entre estas categorias existe um sem número de possibilidades de identidades de género não binário. A pensadora Judith Butler advogou que o género é *performativo* e cada pessoa fá-lo constantemente através da aprendizagem e incorporação, mas também da recusa e rejeição de um conjunto de normas, valores e atributos morais que são permanentemente avaliados, negociados e lembrados socialmente tanto por agentes singulares como por instituições (Butler, 1990).

As teorias feministas têm ressaltado as desigualdades de género, principalmente entre homens e mulheres. As desigualdades de género referem-se às diferenças de estatuto, poder e prestígio entre mulheres e homens em vários contextos, não se conhecendo sociedade em que os homens não tenham, em certos aspetos da vida social, mais riqueza, maior estatuto e influência do que as mulheres. Muito está por alcançar no respeitante à igualdade de género e às assimetrias de poder que daí decorrem, nas diversas esferas da vida e em todas as partes do mundo.

Acresce ainda que, consideramos serem os laboratórios de género na arte devedores e herdeiros das práticas artísticas feministas comunitárias dos anos 1970.

Relativamente à genealogia da arte comunitária, a obra *Mapping the Terrain: New Genre Public Art* (1995), coordenado pela artista Suzanne Lacy, é uma obra fundamental para o entendimento da sua história. Segundo Lacy, nos anos 1970 as questões das mulheres estavam na ordem do dia e o movimento de arte feminista reivindicava os direitos das mulheres através de uma prática artística ativista assente no estribilho “O que é pessoal é político”, tendo estabelecido um conjunto de estratégias ativistas e critérios estéticos para a sua arte. A representação na arte das questões identitárias do foro do pessoal e íntimo das mulheres, constituía uma estratégia política para combater a desigualdade de género (Lacy, 1995, p. 27).

Este estribilho, consagrado como grito congregador da Segunda Vaga do feminismo, traduz a conceção de que a experiência pessoal é passível de análise em termos políticos e o reconhecimento do facto de o poder masculino ser exercido e reforçado através de instituições pessoais como o casamento, a educação das crianças e as práticas sexuais.

Nos anos 1970, as artistas e pensadoras feministas estavam preocupadas com questões relativas à eficácia de transmissão da sua mensagem a um público alargado de diferentes origens, classes e etnias. Para esse fim, adotaram processos de colaboração que valorizavam os aspetos relacionais da arte e o esclarecimento do público relativamente ao significado destas novas práticas artísticas. De igual modo, consideravam necessário, avaliar o impacto das obras na transformação e mudança da mentalidade das pessoas envolvidas na criação e do público (Lacy, 1995, p. 27).

Para a autora feminista Suzi Gablik, “A arte que está enraizada num Eu ‘que escuta’, mais do que num olho desencarnado desafia o pensamento isolacionista da nossa cultura porque se concentra não tanto nos indivíduos, mas na forma como eles interagem” (1992, p. 4).

Esta pensadora defende uma estética conectiva que é alcançada pelos artistas que usam a arte para incrementar a sua relação com a comunidade. Este tipo de estética busca a interligação dos artistas com os outros realizando-se plenamente não por via de monólogos, mas do diálogo, da conversa aberta e escutar atento dos outros.

ANTECEDENTES PRÁTICOS

Para chegarmos à conceção dos “Laboratórios de Arte Comunitária para Empoderamento de Mulheres em Casas de Abrigo”, percorremos um longo caminho caracterizado pela realização de projetos experimentais, que consideramos altamente bem-sucedidos, sob a designação *Género na Arte*.

Referimo-nos concretamente à exposição temporária *Género na Arte: Corpo, sexualidade, identidade, resistência* apresentada no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, entre outubro de 2017 e março de 2018.

A exposição teve a participação de 15 artistas portugueses que na sua produção abordam questões de

Este novo paradigma já não assenta na auto-afirmação do Eu, mas na busca da integração e também, frequentemente, no interesse em proporcionar a oportunidade a grupos excluídos de falarem directamente das suas próprias experiências (Gablik, 1992, p. 4).

Outro dos conceitos que nos é extremamente caro é o de *Herstory*. Este termo inglês foi cunhado pelo feminismo para designar a teorização e a documentação da experiência, da vida e da linguagem das mulheres. O uso irónico do termo em língua inglesa surge com a tomada de consciência do desajustamento entre a linguagem e a realidade a que esta se refere, nomeadamente no que diz respeito à omissão verificada relativamente ao papel desempenhado pelas mulheres como agentes sociais na História. O termo pretende, ainda, chamar a atenção para a censura existente na própria linguagem patriarcal ao evidenciar o uso do masculino como genérico – «History». Este processo de renomear implica o reconhecimento dos condicionamentos a que estão sujeitos tanto as mulheres como os homens, no que concerne à linguagem que usam e às próprias imagens que constroem sobre a realidade. O objetivo das historiadoras feministas é duplo: por um lado, pretendem dar às mulheres um lugar na História e, por outro, devolver a História às mulheres (Macedo, 2005, p. 96).

No respeitante à arte que aborda a violência contra as mulheres, desde os anos 1960 até aos nossos dias artistas de todo o mundo têm trabalhado esta temática nas suas obras, recorrendo a suportes diversos, desde a pintura e escultura à performance e instalação como, por exemplo, Yoko Ono, Ana Mendieta, Sanja Iveković, Adrian Piper, Nancy Spero, Jenny Holzer, Helena Almeida, Regina José Galindo, Teresa Margolles, Paula Rego, Nalini Malani, Priscila Rezende, Jaqueline Vasconcelos e o coletivo feminista congolês Le Groupe Amos. Algumas destas artistas, trabalharam colaborativamente, como é o caso das performances comunitárias sobre a violação e assassinato de mulheres em Los Angeles, EUA, de Leslie Labowitz, Suzanne Lacy, realizadas ao longo de um período de três semanas, *In Mourning and in Rage* (EUA, 1976), que envolveram cerca de oitenta mulheres (Robinson, 2001, p. 102).

género, feministas e LGBTQI+. Tratou-se duma exposição concebida como “espaço social de saber” e com uma curadoria colaborativa e de co-autoria partilhadas entre as duas curadoras (as signatárias deste texto) e as e os 15 artistas convidados/convidadas.

A complementar a exposição foi realizada a *Conferência Internacional Género na Arte de Países Lusófonos*, a 27-28.10.2017, que teve como objetivo principal debater de um modo transdisciplinar as questões de género no panorama artístico de países lusófonos, tendo sido criado um *website* para divulgar os seus conteúdos e eventos associados ao programa. Os resultados desta conferência estão publicados no número extra da Revista

Faces de Eva (2019), em 22 artigos de investigadorxs de 4 países de língua oficial portuguesa.

As 31 comunicações apresentadas na conferência pelas e pelos 37 palestrantes presentes, foram demonstrativas da versatilidade do conceito de Género nas várias áreas científicas, desde a arte, à museologia, história, antropologia, medicina e economia.

Outra vertente importante do projeto *Género na Arte* foi a chamada de trabalhos dirigida ao ensino artístico superior artístico, para a apresentação de formas e expressões artísticas de reflexão sobre a identidade, a diferença, a pertença social e a desigualdade de género. Participaram 45 alunas e alunos de 5 instituições de ensino superior de belas-artes, com trabalhos orientados pelos docentes das respetivas escolas.

Finalmente, no projeto *Género na Arte* foi lançada uma iniciativa designada Conversas com Artistas para, numa forma mais pessoal e direta, estas e estes se expressarem sobre a relação entre Género e Arte.

Como expansão do projeto *Género da Arte* para fora da academia e do espaço museal, realizámos a exposição temporária *Ramificações: Género na Arte por Jovens Artistas* uma exposição coletiva de estudantes e *alumni*

do Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais e da Licenciatura em Artes Plásticas e Multimédia do DAVD/EA/UE, na Biblioteca Municipal do Palácio Galveias, de 19.03-18.04.2019. Esta exposição deu voz a artistas ainda em formação universitária ou numa fase inicial da carreira artística, tendo sido integrada no Colóquio “Representações da Diversidade sexual e de Género na Arte, Literatura e media Ibéricos e Ibero-americanos”.

Por considerarmos que a divulgação, quer dos processos de investigação, quer das metodologias de trabalho, é fundamental para a disseminação do projeto, estivemos presentes com as comunicações *Museos, xénero e arte: metodoloxías e prácticas*, V Congreso Xéneros, Museos, Arte e Educación no Museo Provincial de Lugo, Espanha, a 17.03.2018; *Género na Arte. Ramificações de um projeto*, no âmbito do seminário “Queer? Narrativas LGBT em museus portugueses” no Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, a 08.05.2019 e *Género na Arte. Dos museus à academia de belas-artes: estudos de caso de investigação artística*, no encontro “Ciência’19 – Encontro com a Ciência e Tecnologia em Portugal”, no Centro de Congressos de Lisboa, a 09.07.2019.

LABORATÓRIOS DE GÉNERO NA ARTE

Às vezes quero fazer uma rosa e não consigo e agora com os olhos fechados consegui fazer. (...) Gostei muito porque uma pessoa esquece um bocadinho os problemas com os nossos desenhos, com a nossa imaginação. (...) Gostei muito, para mim é tudo novo, eu nunca fiz estas coisas e eu gostava de continuar (Mulheres Artistas de Casas de Abrigo, 2018/19).

Face à profunda desigualdade de género ao nível mundial, são várias as diretivas internacionais e nacionais, levadas a cabo por governos ou organizações intergovernamentais, para implementar e incrementar a igualdade de género, entre as quais destacamos: a prioridade de igualdade de géneros da UNESCO; a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 (ENIND); os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU nomeadamente o ODS.5 para a igualdade de género e o ODS.10 para a redução das desigualdades.

Conscientes destes problemas graves que afetam a vida de todas as pessoas, os *Laboratórios de Género na Arte* procuram contribuir para a mudança social. Na sua qualidade de processo em construção e de projeto experimental, caracterizam-se como:

- Uma metodologia de investigação-ação, significando isso uma adaptação contínua do projeto às necessidades do público alvo/participantes e uma leitura crítica permanente dos resultados parciais do projeto. Trata-se, efetivamente, de um projeto-processo, no sentido em que não conhecemos à partida o caminho a percorrer: esse percurso faz-se e refaz-se permanentemente, através de um método de trabalho próprio da arte comunitária, isto é, participativo,

cooperativo, colaborativo, inclusivo, integrador, de escuta ativa do Outro. A expressão estética destas práticas artísticas comunitárias é conectiva e veículo de valores humanistas e igualitários no respeitante ao género. Os seus objetivos e processos são estabelecidos entre todas as agentes envolvidas de um modo não hierarquizado e dialógico, por outras palavras, entre iguais. Recorre-se, igualmente, a uma metodologia de produção e avaliação qualitativa, quantitativa e interseccional, contínua e final;

- Um compromisso com os interesses da comunidade com o objetivo de alcançar o seu empoderamento e criar ferramentas e modelos para serem utilizados no combate à desigualdade de género. A Arte entendida como herança cultural, património coletivo e individual e expressão de identidades é utilizada com a finalidade de auxiliar as mulheres que sofrem desigualdades de género a criarem uma consciência de género libertadora e, igualmente, valorizar, capacitar e dar visibilidade aos seus problemas, contribuindo para a sua autonomia e fomentando a sua inclusão e participação plena na sociedade. Ao longo destas ações, pretende-se que sejam desenvolvidos valores, atitudes e princípios, novos processos de pensamento e de raciocínio opostos à violência promovendo relações saudáveis e não violentas;
- A sensibilização da sociedade para o problema da violência de género dando a conhecer, através da arte, as histórias de vida das mulheres que a sofrem. Contribuir para o incremento da análise crítica, da tolerância e solidariedade face à diferença, para superar preconceitos e estereótipos tradicionais

associados ao gênero e mudar comportamentos e atitudes. E, igualmente, levar à tomada de consciência das concepções estereotipadas e preconceituosas enquanto origem estrutural das desigualdades e da violência de gênero, sobretudo contra as mulheres e as raparigas, e da desvalorização do feminino. Esta estereotipagem continua a ter expressão na violência doméstica, nas diferenças de rendimentos entre homens e mulheres, nas dificuldades de acesso aos lugares de topo das mulheres, na conciliação entre a vida familiar e a vida profissional, nomeadamente, nas tarefas domésticas e no cuidar, e no reconhecimento e visibilidade, dadas ao contributo delas em todas as esferas sociais.

Operacionalmente, o projeto concretiza-se no desenvolvimento de oficinas criativas com Associações, que têm como propósito dar continuidade ao apoio e

acolhimento a vítimas de violência doméstica, entre as quais a ASM – Associação Ser Mulher, em Évora. Os laboratórios para sensibilização e criação de uma consciência de gênero, interiorização de uma vivência de cidadania plena e consciente, são realizados ao longo de sessões de criação artística que possibilitam às participantes o autoconhecimento, a auto-análise e a percepção do seu potencial individual como cidadãos e como mulheres. No âmbito deste projeto, são por vezes convidados artistas, como sucedeu no Laboratório *Figuração do Coração*, realizado com a colaboração de Jane Gilmor, artista com uma prática comprometida com questões sociais, com mulheres de uma casa de abrigo.

O resultado deste projeto toma a forma de ferramentas e modelos para serem utilizados no combate à desigualdade de gênero e de peças artísticas que serão amplamente divulgadas em plataformas digitais e museus (Fig. 1-4).



Figura 1. Laboratório *Figuração do Coração*, com mulheres de casa de abrigo e Jane Gilmor. O exercício proposto por Jane Gilmor consistia em com os olhos fechados, desenhar um coração sobre uma chapa de metal e pressionar com um lápis os contornos do desenho. Seguidamente, cobrir com tinta preta a chapa, esperar cerca de 15 min. e, limpar-se a tinta com um pano. 06.06.2018.



Figura 2. Laboratório *Figuração do Coração*, com Jane Gilmor. Secagem da chapa, já finalizada, pelas mulheres artistas da casa de abrigo. 06.06.2018.



Figura 3. Laboratório *Uma casa que seja nossa*. Imagem de trabalho realizado tendo como inspiração a própria história de vida. No reverso da folha pode ler-se: "Este é o meu sonho. Isto para mim transmite paz. Gostava de acabar assim, num sítio meu, sossegado. Viver do que eu fizesse". 19.10.2019.

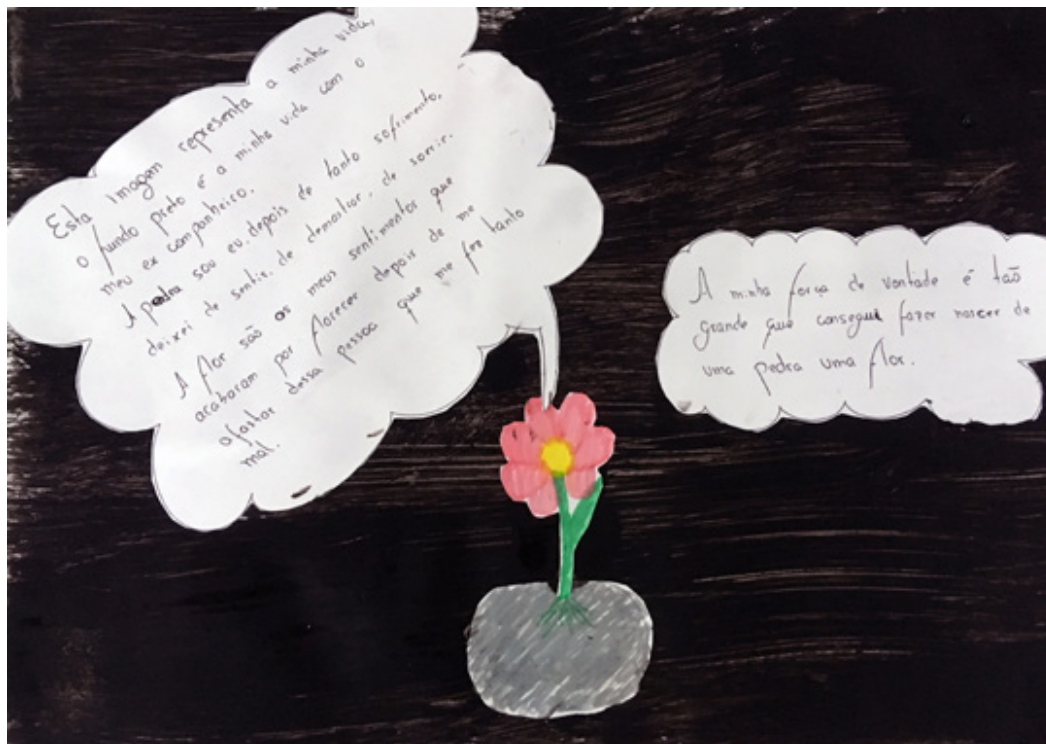


Figura 4. Laboratório *Uma casa que seja nossa*. Imagem de trabalho realizado tendo como inspiração a própria história de vida. 19.10.2019.

CONCLUSÕES

Ao longo deste projeto, ainda em curso, o comportamento das participantes tem vindo a evidenciar-se, refletindo a sua assimilação e compreensão relativamente à contextualização da violência doméstica e de género de que são vítimas, às desigualdades de género e aos direitos das mulheres. Acreditamos que os *Laboratórios Género na Arte* proporcionam vivências, partilhas e competências, que orientam as mulheres para o presente e para o futuro. Sendo um espaço de diálogo e de criação comunitária

onde se aprendem conteúdos fundamentais no respeitante à igualdade de género. É também um local de relações humanas, de construção de modelos, de reflexão e de partilha de *herstories*, vivências e experiências através de uma estética conectiva. Os Laboratórios são, nesse sentido, um centro para o exercício da cidadania e da arte enquanto direito das pessoas, onde se exercita a convivência democrática e dissemina uma cultura de paz e solidariedade no respeitante à igualdade de género.

REFERÊNCIAS

- Butler, J. (2008 [1990]). *Gender Trouble*. New York: Routledge.
- Gablik, S. (1992). Connective Aesthetics. *American Art*, 6(2), 2-7. Disponível em www.jstor.org/stable/3109088
- Gilmore, J. (2019). *Jane Gilmore* (Website pessoal da artista). Disponível em <http://janegilmore.com>
- Governo de Portugal (2019). *Relatório Anual de Segurança Interna 2018*. Disponível em <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=ad5cfe37-0d52-412e-83fb-7f098448dba7>
- Lisboa, M. (coord.) (2006). *Prevenir ou remediar: Os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres*. Lisboa: Edições Colibri.
- Macedo, A. G., & Amaral, A. L. (Orgs.) (2005). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamento.
- Organização das Nações Unidas (2019). *UNODC, Global Study on Homicide 2019*. Disponível em <https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/gsh/Booklet5.pdf>
- Robinson, H. (ed.) (2001). *Feminism – Art – Theory: An Anthology 1968-2000*. London: Blackwell Publishers.
- UMAR (2019). *OMA – Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR Relatório Preliminar (01.01 a 12.11.2019)*. Disponível em <http://www.umarfeminismos.org/images/stories/oma/Relat%C3%B3rioOMA2019.pdf>

UN Women (2013). *End violence against Women*. Disponível em <https://www.unwomen.org/en/news/in-focus/end-violence-against-women/2013>

BIOGRAFIAS

SHORT BIOS

Aida Rechená é museóloga na Direção-Geral do Património Cultural afeta ao Museu Nacional Resistência e Liberdade e investigadora do CHAIA/UE e do CeIED/ULHT. Desde 2016, juntamente com Teresa Veiga Furtado, artista, docente do Departamento de Artes Visuais e

Aida Rechená is a museologist at the Direção-Geral do Património Cultural working at the National Museum of Resistance and Freedom, and a researcher for CHAIA/UE and CeIED/ULHT. Since 2016, together with Teresa Veiga Furtado, artist, professor of the Department of Visual Arts

Design da UE, e investigadora do CHAIA/UE e do CICS. NOVA, desenvolvem o projeto de investigação *Género na Arte*, atualmente focado na arte comunitária e museologia social, com mulheres vítimas de violência doméstica.

and Design of UÉ, and researcher of CHAIA/UE and CICS. NOVA, develop the research project Gender in Art, currently focused on community art and social museology, with women victims of domestic violence.